

Ziraldo Alves Pinto
Desenhista de humor

Numa aventura feita de traços e de cores, um menino escreve o próprio mundo com imagens

As mãos do desenhista são pura magia. Ao brincarem de Deus, dão asas à imaginação e vida a personagens. Para o senhor Alves Pinto, esse menino de 77 anos, imaginação e personagens não faltam. Sempre com a caneta no bolso, desenhar parece um vício que cultiva desde os tempos de moleque, na pequena cidade mineira de Caratinga, quando a maior diversão era ilustrar chão e paredes.

Uma casinha, depois um matinho, logo depois outro matinho. Então, sobe a serra, desce a serra, e sobe o morro e, em seguida, volta para casa. Essa foi a receita para o sucesso. A receita do tatuzinho, o primeiro desenho publicado aos seis anos de idade. A partir daí, ninguém mais parou o menino, que, apesar de mineiro, nada tem de tímido ou quieto. Fala pelos cotovelos e vai por onde a imaginação levar. Como ele mesmo diz: é um verdadeiro provinciano contador de histórias.

A brancura dos cabelos e das sobrancelhas não revela nada além de que os anos se passaram, pois o famoso desenhista cultiva certo quê de Menino Maluquinho. Não deixa o ar ingênuo de criança, fazendo piada a toda hora. Leva ainda o sorriso travesso do moleque, cujos brinquedos são papel, caneta, imagens e palavras. Porque não só a Lua, mas o mundo dele é Flíct. Da cor e do jeito que só ele vê e sente.

Jamais poderia ser retratado de outra forma. O colete já é marca registrada. Mistura de Zizi com Geraldo, até o nome é inventado. Feito com tinta e papel, parece personagem de história em quadrinhos. Nela, um moleque teimoso persegue um sonho renovado a cada dia. Talvez seja essa a única história escrita por ele da qual desconheça o fim, pois o menino teimoso só sabia que queria desenhar. No en-

tanto, o sonho jamais foi pequeno. Com alguns "rabiscos" alçou um longo vôo: Caratinga - Rio de Janeiro - Nova Iorque - Mundo.

O artista nasceu dos gibis que lia, da infância feliz de menino do interior, do riso frouxo e bem humorado. É, acima de tudo, um inventor. Inventor de palavras, de histórias, personagens, linhas, cores e de formas. O traço dele, conhecido nos quatro cantos do mundo, já foi impresso em cartazes, ilustrações, livros, quadrinhos, cartuns, charges, folders e campanhas. Hiperativo que só ele, realiza milhares de projetos simultâneos. Só de obras literárias, são mais de 140. A imaginação desse gênio não tem limites e qualquer coisa pode virar livro: uma cor, um menino, um avô, uma professora, um joelho. O que pintar.

Mas o menino também se mete em coisa de gente grande. Quando se trata de lutar pelo País, ele não foge e, cheio de sarcasmo e humor ferino, já ilustrou críticas no lendário e escrachado Pasquim. Foi preso por três vezes no regime ditatorial dos anos 60. Declara-se lulista até o fim e critica sem medo o sistema educacional do Brasil. Se pudesse, mudava o mundo, o que para ele não parece tão difícil, pois na vida desse artista, não só o traço, mas o sorriso, as palavras e a vida são simples. Não há o que complicar.

Ideias mirabolantes não faltam. Entusiasta da leitura, que para ele é o sexto sentido humano, ainda falta no currículo dele o título de ministro da Educação. Afinal, o mineirinho de Caratinga acha que ler é mais importante que estudar. Escrever então... É uma arte muito mais difícil que o desenho. Porque se pode até construir um texto sem a letra O, mas seria impossível fazer este perfil sem um Z, um I, um R, um A, um L, um D e um O. Não é, ZIRALDO?

Equipe de Produção:

Evelyn Ferreira
Marina Rosas
Rainer Leal
Roberta Maia

Texto de abertura:

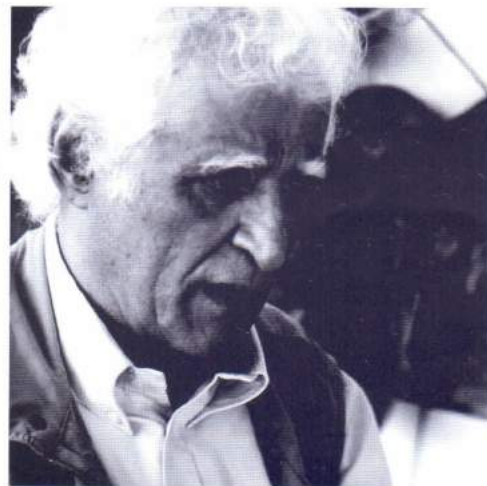
Anamélia Sampaio

Entrevistadores:

Anamélia Sampaio
Beatriz Jucá
Domitila Andrade
Evelyn Ferreira
Iana Soares
Maira Romcy Ary
Marina Rosas
Rainer Leal
Roberta Maia
Talles Rodrigues
Yuri Alexander

Fotografia:

Analice Diniz



Entrevista com Zivaldo Alvez Pinto, dia 14 de abril de 2010.

Roberta – A gente vai começar fazendo uma pergunta que é mais uma curiosidade que a gente teve quando estava lendo os arquivos sobre você. A gente viu na sua biografia que você teve seu primeiro desenho publicado com apenas seis anos, em um jornal lá de Minas, e a gente queria saber quem levou esse desenho para o jornal e o que foi que você sentiu, com seis anos de idade, tendo um desenho publicado.

Anamélia – E qual era o desenho?

Zivaldo – Eu lembro quando... Meu pai assinava esse jornal, chamava *Folha de Minas* (*periódico mineiro fundado em 1933*). E o contato que a gente tinha com o mundo era esse... Quando saiu o desenho ainda não tinha eletricidade no lugar que a gente vivia. Então, a gente não tinha contato com o mundo. O contato que eu tinha na minha infância era através do rádio. Quer dizer, os grandes mistérios da presença do Rio de Janeiro (*à época a cidade do Rio de Janeiro era a capital do Brasil*) na vida do Brasil inteiro se deve à rádio AM, que as rádios cariocas falavam com o Brasil todo. Não sei por que mistério, essas chamadas ondas curtas permitiam que você ouvisse a Rádio Nacional (*primeira rádio brasileira a ter alcance nacional fundada no Rio de Janeiro em 1936*), a Rádio Mayrink Veiga (*rádio carioca fundada em 1927 e fechada em 1964*), a Rádio Tupi (*emissora carioca fundada em 1935, atualmente chamada Super Rádio Tupi*), lá em Caratinga (*cidade mineira, há 311km de Belo Horizonte*), lá em Manaus (*capital do Estado do Amazonas*), lá em outro canto, enfim. O Flamengo, onde você vai tem torcida do Flamengo, porque é herdada do tempo do rádio, da era do rádio. Então, tinha uma seção infantil no jornal, e meu pai viu os desenhos das crianças publicados, ele mandou eu fazer um desenho, pro jornal, depois ele abriu o jornal num outro dia e tava lá o desenho e ele me mostrou.

Eu lembro que era um tatu. Era um tatu, até hoje eu sei desenhar o tatu (*pega um papel e começa a desenhar explicando como fazer o desenho*). Esse desenho desapareceu da minha vida. Eu queria muito ter ele, mas o jornal não tem nem arquivo mais pra eu poder conseguir, mas foi em 1938, e a eletricidade chegou nessa cidade, nesse arraial que a gente vivia, no município de Ca-

ratinga, chamado Lajão, no outro ano.

Então foi isso, porque, na verdade, eu já tinha uma coisa fundamental pra quem tem vocação. Você só realiza a sua vocação se ela tem um componente chamado obsessão. Sem obsessão, você acaba... (*A pessoa diz:*) "Eu gostaria muito de ser desenhista, ah... eu queria ser atriz, ah... queria..." E por que você não foi? Porque não tinha obsessão. Então, eu desenhava o dia inteiro, desde a mais tenra idade. A minha lembrança mais antiga, eu devia ter uns 3 anos, muito antes desse desenho sair, era a minha mão desenhando num papel no chão, eu deitado desenhando e uma porção de pé, assim em volta de mim – é que a memória guarda –, e uma voz falando assim: "Ele está dizendo que isto é um tatu". E eu lembro que, eu lá de baixo, a voz vinha lá de cima: "Estou dizendo não, minha senhora, isto é um tatu". (*risos*) Eu lembro desse sentimento me ocorrendo, sabe? Aí começa a minha vida, a minha louca vida de artista.

Evelyn – Zivaldo, você falou que é a sua lembrança mais antiga, né...

Zivaldo – Esse tatu é a minha lembrança mais antiga. Porque a sua memória só consegue ter filme na máquina a partir dos sete, oito anos. Antes disso, é vaga lembrança. Depois dos sete, oito, você sabe o dia que foi, lembra da rua, lembra das pessoas. Antes, só ficam as coisas que inexplicavelmente marcaram a sua vida. Eu lembro que o meu bisavô morreu. Ele morreu em 1936, eu tinha menos de quatro anos. Eu lembro só de uma figura que eu não queria ver, que eu chorava, "eu não quero ver, não quero ver", mas não me lembro onde é que era.

Depois, eu lembro também do meu avô mudando com a família pra esse lugar, Lajão, que chama não sei porquê. Eu cheguei numa tropa. Meu avô era tropeiro. Quer dizer, ele era ferreiro, depois tropeiro, depois... Uma figura fantástica! E aí, chovendo, de noite, e a mamãe montada num cavalo, meu pai montado no outro, só tinha eu e meu irmão. Meu irmão ia dentro dum cesto numa mula lá da tropa, cobertinho, e eu ia na cabeceira do arreio do meu avô, debaixo da capa gaúcha dele. Por isso que toda vez que eu vejo goteira eu lembro dele, porque a capa gaúcha é muito fechada e tal, e eu lembro que ele ia conversando, ele ia con-

Quem sugeriu a entrevista com o Zivaldo foi a Marina, pois soube que ele viria para a Bienal Internacional do Livro do Ceará, que aconteceria de 9 a 18 de abril.

Zivaldo foi o mais votado pela turma de uma lista com mais de 20 candidatos. E a turmas inteira ficou com vontade de participar da entrevista com o criador d'O Menino Maluquinho.

Marina começou a caça de informações com a produtora local da Bienal e com a editora de Ziraldo, mas ninguém dava certeza se ele estaria aqui na Bienal do Livro nem passavam o contato da secretária dele.



versando comigo e descrevendo a viagem. Essa lembrança do tic-tac-tic-tac da chuva, em cima da capa gaúcha ali, e eu dentro do útero ali... Esse avô foi um dos mais importantes da minha vida. Quando ele morreu eu tinha quase 50 anos.

Iana – Qual era o nome dele, Ziraldo?

Ziraldo – Hortêncio. Ele era ferreiro, falava alto. Ferreiro fala alto. Quer dizer, ferreiro antigo. Porque ele passa o dia inteiro batendo malho, o fole é barulhento, o crepitar da chama é barulhento. Então, pra falar com o auxiliar dele, ele falava alto. Quando acabava o expediente, que ele ia pra casa, continuava falando alto. Falou alto até morrer. Não consegui baixar o tom da voz dele.

Domitila – No texto do livro *Crônicas Mineiras (livro de Affonso Romano de Sant'Anna, publicado em 1984)*, de 84, no texto falou assim...

Ziraldo – Qual o livro?

Domitila – *Crônicas Mineiras*. Se me permite (lê o trecho): "Seria feliz, de qualquer maneira, se quem lê neste instante pudesse saber a alegria que existe em nascer num lugar assim, em que as ruas pequenas e estreitas, as altas palmeiras, a água macia da chuva que cai sempre, as muitas estrelas e a lua, as pedrinhas das calçadas, a meninada, a carteira da sala de aula, a mestra e mais uma quantidade destas lembranças simples

"Quando saiu o desenho ainda não tinha eletricidade no lugar que a gente vivia. O contato que eu tinha na minha infância (com o mundo) era através do rádio".

Quando já estávamos desistindo da entrevista, nossa colega Iana conseguiu com Daniel Fônsêca o telefone de um jornalista de São Paulo, que nos deu o contato de Zélio, irmão de Ziraldo, o qual nos deu o telefone da secretária dele, Regina Martins.

sejam, mais tarde, influências reais na vida da gente". Eu queria saber como morar, ter nascido e ser criado numa cidade pequena de interior influenciou na sua obra.

Ziraldo – Eu acho esse texto uma porcaria! (*risos*) "Muito poético!". Eu falei assim: "Você não entende nada de poesia". Porque não tem a letra O. Eu descobri, fazendo isso, que eu poderia fazer um romance inteiro sem a letra O. Não foi difícil fazer. Não é difícil. Você pode fazer textos gigantescos sem uma... É muito difícil você fazer sem E, mas sem A, sem O e sem I é fácil. Sem U também é. Mas sem E é complicado. É o que mais exige. Mas eu fiz. Você faz um texto poético e faz com frases curtas, depois você pega a frase e tira o O dela. Sempre a frase fica pior.

Eu acho que eu tenho toda a síndrome do provinciano, eu sou típico provinciano. Tipo D'Artagnan (*personagem do romance D'Artagnan e os Três Mosqueteiros, de Alexandre Dumas. Na obra, D'Artagnan vai para Paris buscando se tornar um mosqueteiro: guarda de elite do rei*), o que vai pra corte. Chama síndrome do D'Artagnan, que eu falo. E eu descobri uma coisa: quanto mais longe da meta, maior é o sonho. Eu era do interior de Minas, a minha meta era o Rio de Janeiro, primeiro. Depois, Nova Iorque (*New York City. Cidade norte-americana mais populosa*).

Agora, por que Nova Iorque? Primeiro por causa do cinema americano, depois pela história em quadrinhos, depois porque da minha região todo mundo ia pra Nova Iorque, todo mundo ia pros Estados Unidos. Porque eu sou do Vale do Rio Doce. Tem quase um milhão de mineiros daquela cidade, Governador Valadares (*cidade mineira, há 324km de Belo Horizonte*), chama-se até "Governador Valadólare" (*risos*), que é uma cidade que é rica, sem ter economia nenhuma, só pelo dinheiro dos filhos que mandam pra família lá. Então, o Rio Doce faz uma curva assim, e Caratinga fica... (*gesticula apontando a localização da cidade*) O Caratinga é um dos afluentes do Rio Doce.

Quando, na guerra (*referindo-se à 2ª Guerra Mundial*)... Os americanos precisavam de duas coisas, metais altamente estratégicos: cristal de rocha e malacacheta, mica. E essa região era riquíssima de malacacheta. Todo mundo tinha uma mina de malacacheta. E, com a Guerra, em cinco anos, eles acabaram com a malacacheta, com o cristal de rocha e com a selva, acabaram. E acabaram com o Rio Doce. Tinha uma lâmina de dois metros e hoje tem uma lâmina de sessenta centímetros. A profundidade média dele era dois metros e meio, no

meu tempo de infância.

Os americanos, quando eles mandam os marines (*corpo de fuzileiros navais americanos*), mandam também os pastores protestantes. A Igreja Presbiteriana era muito rica na região toda. O meu colégio era presbiteriano. Todo mundo tirava o diploma do Ginásio e já ia direto pros Estados Unidos, nem passava pelo Rio (*de Janeiro*). Eu nem sabia que existia Belo Horizonte (*capital do Estado de Minas Gerais*). Eu tinha uma ligação com Vitória (capital do Estado do Espírito Santo), pela Vitória-Minas, que era uma estrada de ferro, ou pelo Rio, também com a estrada de ferro, ou pra Nova Iorque, ou pra Richmond (*cidade norte-americana, localizada no Estado da Virgínia*), Boston (Cidade norte-americana do Estado de Massachusetts), agora, Toronto (*maior cidade do Canadá, capital do Estado de Ontário*), tá cheio de mineiro.

Evelyn – Ziraldo, ainda nesse mesmo texto, tem outra frase que eu queria que você comentasse: “Quem nasceu para caratinguense nunca chega a Rubem Braga (1913-1990. Escritor capixaba) ”.

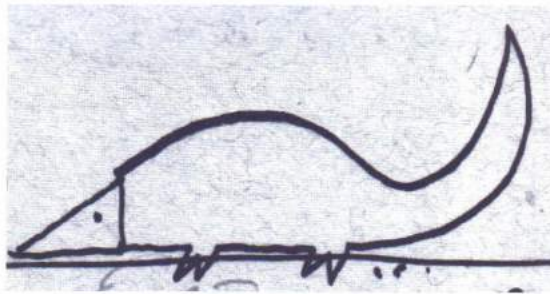
Ziraldo – Ah, porque Rubem Braga não tem O! (*risos*) E eu não pude falar que ele era de Cachoeiro de Itapemirim (*município do Estado do Espírito Santo, a 139km de Vitória*), por causa do Cachoeiro, né? Isso é uma piada, que eu não tinha alcançado ainda a glória, eu apenas estava começando, não era um Rubem Braga. Eu tinha O, era Ziraldo.

Marina – Ziraldo, voltando à pergunta da Domitila. Você falou do sonho de sair de Caratinga, mas como isso influenciou na sua obra? O que você viveu lá antes de sair.

Ziraldo – Bom, as pessoas citam muito Monteiro Lobato (1882-1948. *Escritor paulista*), a minha geração é muito influenciada pelo Monteiro Lobato. Mas ele não teve grande importância na minha infância, não. Quando eu comecei a ler com mais desenvoltura, eu li todo o Monteiro Lobato. Li *Reinações de Narizinho* (1931), li *Aritmética da Emília* (1935), li as *Caçadas de Pedrinho* (1933).

Iana – Com quantos anos?

Ziraldo – Dez, oito... Mas o que mexeu com a minha cabeça foi história em quadrinho. História em quadrinho foi fundamental! Quando eu descobri história em quadrinho, adivinhei o meu futuro, aqui tá o meu futuro. Aqui tá contado (*aponta para o livro O Menino Quadrado – de autoria dele, publicado no ano de 1989*), pode tirar e botar aí, copiar daí. Eu ia pra missa e... Quem leu isso aqui? Eu fui pra missa e o jornalista chegou: “Toma que seu pai paga, seu pai tá



lá no bar”.

Marina – Deixava de tomar picolé pra comprar os quadrinhos.

Ziraldo – É.

Iana – Lembra de quem era o quadrinho?

Ziraldo – Era do Super-Homem (*Superman. Personagem de quadrinhos da DC Comics, criado em 1938*). Não, era um personagem chamado Titan (*Personagem de quadrinhos, inicialmente da MLJ, famoso nos anos 40*). Porque os meus heróis de infância, os que eu gostava mais, os que sobreviveram da época de ouro da história em quadrinho, foram Batman (*Personagem de quadrinhos da DC Comics, criado em 1932*), Super-Homem, Capitão América (*Capitain America. Personagem de quadrinhos da Marvel Comics, criado em 1941*), o Dick Tracy (*Personagem das tiras em quadrinhos criado por Chester Gould, em 1931*), só, da época de ouro. E O Espírito (*The Spirit. Personagem de quadrinhos, criado em 1939, por Will Eisner*). É, O Espírito. Agora, O Espírito foi muito uma descoberta de um sujeito chamado Will Eisner (1917-2005. *Autor de histórias em quadrinhos norte-americano*), que eu achava extraordinário o desenho dele, porque eu já olhava história em quadrinho, eu já lia história em quadrinho diferentemente das crianças, os meninos e meninas que liam na minha terra. Porque, por exemplo, o Netto, o Raymundo Netto (*escritor cearense que acompanhava Ziraldo no almoço*), estava me contando que, quando ele era menino, tinha uma casa lindíssima numa praça aqui em Fortaleza que ele gostava de passar em frente à casa só pra ficar olhando a casa, (*pensando:*) “eu gostaria de saber como seria essa casa por dentro, que mistério essa casa tem e como devem ser felizes as pessoas que moram dentro dessa casa”. Eu falei: “Por isso que você virou escritor”, quer dizer, menino com esse tipo de curiosidade vira artista, tá perdido, porque tem essa curiosidade pelo diferente, pelo mistério e tudo o mais.

Na história em quadrinho, eu também tinha esse feeling do Netto, sabe? Eu falei: “Netto, a gente foi menino igual”. Porque eu também ficava vendo a história em quadrinho, como é que aquele cara desenhava,

O primeiro contato com Regina Martins foi feito pela Marina, que pegou o endereço do escritório para enviar alguns exemplares da Revista Entrevista para eles conhecerem o projeto. O Rainer enviou, em seguida, as revistas por Sedex.

Daí, foram ligações diárias da Roberta para o escritório de Regina Martins. Na semana dos temporais no Rio de Janeiro, em março, foi impossível falar com ela. Só conseguimos a confirmação da presença de Ziraldo aqui no dia da abertura da Bienal.

Foi preciso, então, contatar o pessoal da Bienal para ceder um horário para a entrevista na agenda de Ziraldo. Roberta ligou para o Raymundo Netto, da Secretaria de Cultura. Ele passou a bola para o Mauro Costa, da produtora, que cedeu a tarde do dia 14.



“será que é com pincel, será que é com lápis?” Eu falei: “Quando eu ficar grande eu vou descobrir que ferramenta que ele usa pra desenhar isso, não pode ser essa peninha”, e o cara “Não é pena sim, é pincel sim”. Que coisa fantástica! Aí, eu comecei a desenhar minhas próprias histórias em quadrinhos, a minha infância toda eu desenhei, tenho alguns cadernos até hoje, que eu desenhava história em quadrinhos. A influência maior pra mim foi essa.

Mas os heróis, alguns heróis meus, não sobreviveram. Os que marcaram mais a minha vida. Esse Titan, por exemplo, o Vingador (*Phanton Stranger. Personagem de quadrinho da DC Comics, criado em 1952*), o Cometa (*The Comet. Personagem, inicialmente da MLJ Comics, criado em 1939*) também não sobreviveu, Bozo, Martin, maravilhoso, quem mais? A dupla Furacão, todos os... Tereré (*Sir Tereré. Personagem de quadrinhos famoso nos anos 1970*), o Brucutu (*nome dado no Brasil para a personagem Alley Oop, de Vincent Hamilin, criada em 1932, nos Estados Unidos.*), esses passaram, não chegaram a essa glória do Batman não, do Capitão América e do Super-Homem. A história em quadrinhos foi mais importante pra mim que Monteiro Lobato.

Iana – Ziraldo, e os heróis do cotidiano caratinguense? O menino Ziraldo já presta atenção nas pessoas, no jeito...

Ziraldo – Deixa ver... (*pensativo, longa pausa*) Olha... Em Caratinga, o que é que eu fazia? Eu brincava o dia inteiro, inventava os brinquedos, eu era inventor de brinquedos. Isso eu acho engraçado. Por que eu inventava brinquedo? Eu não aceitava brinquedo. “Não, isso não é bom não”. “Vamos fazer o seguinte: vamos brincar de caçada, vamos brincar de não sei o quê”. Eu ia e ficava inventando brinquedo. Eu lembro também quando a professora mandava a gente fazer composição. A gente terminava o grupo escolar alfabetizado, lendo, entendendo o que lia e se expressando pela palavra, diferentemente de hoje.

Desde que inventaram Emília Ferreiro (*Psicóloga e pedagoga argentina, nascida*

em 1936, é considerada uma estudiosa que revolucionou a educação), o ensinobrasileiro, fundamental, foi, como no México também, como todos os países do sistema fonético, desse construtivismo mal compreendido, conseguiu essa façanha de fazer metade dos jovens chegar à universidade analfabetos. Porque você vai ensinar por fonema uma língua silábica... Fonema você ensina pra quem fala Inglês. Esse negócio de fonema, conclusão: você pega um menino que tá numa escola hoje com fonema, você manda ler inconstitucionalissimamente pra ele ler e não lê. Então, eu estou falando mal da Emília Ferreiro, para vocês botarem aí (*risos*), mas é porque o construtivismo não é um método de alfabetização, nem de escolarização. Ela não fez isso para a escola, ela fez um negócio chamado teoria... Ela desenvolveu a teoria do Claparède (*Édouard Claparède, 1873-1940, neurologista e psicólogo suíço, um dos mais influentes da psicologia funcionalista*), que é do Piaget (*Jean Piaget, 1896-1980. Epistemólogo suíço, estudioso do processo cognitivo.*), aliás, que é da aquisição do conhecimento, entendeu? O método da aquisição do conhecimento. O Claparède aplicou no jardim da infância, que ele inventou lá na Suíça, o método do Piaget, que jamais foi professor... jamais foi interessado em educação, só explicou como é que se adquiria o conhecimento.

Ela aplicou a teoria do Piaget e, aqui, o Brasil achou que era método, e não é método, entendeu? Eu perguntei pra ela: “Seu método foi adotado aqui no Brasil?” E ela falou: “Eu não tenho método!” (*imita uma pessoa irritada*). Aquela simpática argentina. “Eu não tenho método!” “Você não foi professora?” “Que é isso, eu sou uma cientista”. Ah!

Iana – E sobre a infância em Caratinga?

Ziraldo – Eu sou prolixo, eu sou prolixo! (*risos*) Então, pronto. Em Caratinga eu tive uma professora na área... Porra... A Professora Maluquinha (*Uma Professora Muito Maluquinha. Livro de Ziraldo publicado em 1995.*), a dona Cati, dona Cati. Mas a Professora Maluquinha... Quem leu a Professora Maluquinha? A Professora Maluquinha é compósito, a literatura é maior do que a vida, entendeu? Então, a Professora Maluquinha é muitas professoras num personagem só. Mas a inspiradora é ela, que era maluca mesmo, entendeu? Era maluca, completamente maluca. Mas ela era muito bonitinha e moderninha pros padrões da minha terra.

Quando eu cheguei no grupo escolar, (*tinha*) a Helena Antipoff (*1892-1974, psicóloga e pedagoga russa que se fixou no Brasil em*

Não faltou material para estudarmos sobre a vida e a obra de Ziraldo. Fizemos um “clipping” para passar para a turma com mais de 85 páginas. Na reunião de pauta, Ronaldo nos apresentou o Átila Bezerra, que nos falou muito sobre o Pasquim.

1929 a pedido do Governo de Minas Gerais. Introduziu a educação especial no Brasil.), que era discípula do Claparède. A reforma dessa Helena Antipoff em Minas chegou à minha cidade. Então, as velhas professoras, de palmatória, de ordens, que dava varada na perna da gente, que castigavam, começaram a ser proibidas de agir assim. Como a Helena Antipoff não tinha tempo de ir a cada cidade dizer “professora, não é assim que se ensina, a escola não é pra bater, nem pra reprimir, nem pra poder... Não é uma escola para a escola, mas é uma escola pra vida”, ela formou cento e poucas jovens na Rosário (*Escola da Fazenda do Rosário, instalada pela Sociedade Pestalozzi e pela professora Helena Antipoff para a educação de crianças excepcionais*) lá em Belo Horizonte e mandou essas meninas para o interior. Cada uma foi pegar uma lenha. A que sobrou pra nós, chamada Dorinha D’ávila quase foi assassinada pelas velhas professoras. Mas ela é que botou as novas meninas normalistas pra ensinar pra gente.

Então, a Catarina, tinha 16 anos – a gente chamava dona Cati, mas agora estou vendo que ela tinha 16 anos. Ela não sabia nada. Ela gostava de ler. Ela queria ler os romances dela, era uma boa hora. Ela lia os romances e botou gibí pra gente ler. O que eu aprendi no primário? Aprendi a ler e a gostar de ler. Se você aprende a ler e a gostar de ler no Ensino Fundamental, você tá preparado pra vida. Porque você não precisa só de cinco sentidos pra você viver. Você precisa de seis sentidos. Você tem de dominar tudo o que é pra você se comunicar com o mundo. Todos os sentidos são pra você não ser uma árvore.

Você tem de ter os cinco sentidos, pra quê? Pra poder falar com o outro, pra poder sentir o outro, pra amar o outro, pra odiar o outro. Você tem que ter tato (*tocando no braço da Roberta*), pra acarinhar, você tem de ter tato, você tem de ter audição, pra ouvir a sua voz, sua doce e meiga voz, você tem de ter o olho pra o olho admirar, tem de ter gosto pra sentir o sabor do teu beijo (*risos*), por aí. Agora, tem de saber ler e escrever pra se comunicar com o mundo! Pra entender o que você tá fazendo aqui! É um sentido!

Ler e escrever, com gosto... Porque todas essas coisas você faz com gosto, passar a mão no veludo é gostoso, ouvir uma música é gostoso, comer um doce é gostoso, ver o crepúsculo é gostoso. Ler e escrever também é gostoso, só que o pessoal não sabe. Então, a escola fica ensinando besteira. Se vocês forem ser professoras, pegarem o Ensino Fundamental, não ensina nada para

as suas crianças, o mundo ensina. Ensina a ler o mundo, ler mesmo, ler e escrever. E contar, claro, entendeu? Então, o que a escola fazia no meu tempo? Ensinava você ler, escrever e contar. Quando eu fui pro ginásio, eu sabia ler, escrever e contar. Quando meu filho foi pro ginásio não sabia nada! Não sabia nada!

Anamélia – Por que hoje você acha que no Brasil não se incentiva tanto a leitura?

Ziraldo – Não! (*enfático*) A gente tá batalhando, incentiva sim! Meu Deus, tem duzentos mil programas de leitura aqui no Ceará. Você não pode nem imaginar. Isso daí é preconceito. A escola tá aflita, só que não tem método, não tem orientação, a professora manda ler o livro, manda fazer dever com o livro. A professora nunca leu um livro, como é que ela pode ensinar a criança a gostar de ler? Só dez por cento das pessoas brasileiras leram um livro. Um livro! Agora, o ensino brasileiro depende da professora com vocação, com paixão pelo que faz. Eu vivo em função dessas moças. Em todo lugar tem uma professora maluca, doida. “Eu sou a professora maluquinha!” Esse livro mexeu com o ensino no Brasil. E mexeu com o ensino na Guatemala (*País localizado na América Central*), na Guatemala ele é oficial. Lá ele é oficial, aqui não. Mas a professora mais interessada vê que a escola é uma escola pra vida, não é uma escola para escola, entendeu?

A gente tem de parar tudo no Brasil e ensinar a ler, a escrever e a contar, porque a gente só passa vergonha lá fora. Porque você vai ver os testes que o PISA (*programa internacional de avaliação comparada para produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais*) faz em outros países, o Brasil fica em último lugar. Não é

“Eu já tinha uma coisa fundamental pra quem tem vocação. Você só realiza a sua vocação se ela tem um componente chamado obsessão. Sem obsessão, você acaba”

Ziraldo ficaria hospedado no hotel Marina Park. Ligamos para lá e acertamos tudo para a realização da entrevista no próprio hotel. Chegou a hora! Prepararam uma sala linda, climatizada, tudo para que a entrevista saísse perfeita! Mas cadê o Ziraldo?

Lá se foram Marina e Roberta em busca do entrevistado. Quando entraram na recepção do hotel a primeira cara que viram foi a dele: Ufa! Apresentaram-se e falaram que estava tudo pronto para a entrevista. Mas ele tinha um almoço com o Mino!

O próprio Ziraldo sugeriu que fôssemos até o restaurante em que ele iria almoçar. Depois do almoço ele conversaria uma hora e meia com a gente. Mas perguntou desconfiado: "Vocês não vão almoçar não, né?"

capaz de ler, não é capaz de escrever, não é capaz de entender o que tá lendo, não é capaz de se expressar pela leitura. E, hoje em dia, só o que fica na sua cabeça é o que você lê, no mais são vagas lembranças.

Você não pode ser engenheiro sem ler. Imagina você ser médico sem gostar de ler? Como é que você vai fazer com aqueles livros com a grossura deste tamanho? Passar a madrugada lendo aqueles negócios. Então, vamos parar. A escola tá ensinando besteira. Outro dia, já tem algum tempo, meu sobrinho estava preocupado lá porque ele tinha ido muito mal na prova de ciências. Eu falei: "Você faz prova de ciências?" "É, tio, eu faço." "Mas, o que você não soube?" "Eu não sabia o que era cloaca" (risos) Eu falei: "Cloaca é esgoto." "Não, tio, cloaca não é esgoto não, é esfíncter terminal das aves." Eu falei: "Você tomou bomba porque você não sabe o nome científico do cu do passarinho?!" (risos)

O que o menino vai fazer com essa informação? Que você vai fazer com essa informação? Vai ensinar análise gramatical pra criança pobre, ou mesmo qualquer criança, vai ensinar análise gramatical: objeto direto e objeto indireto. Se você não conceituar o que é o objeto, você não pode ensinar nada pra ninguém! Porque objeto é uma coisa que você pega. Objeto direto é o menino roubar rápido (pega um dos gravadores e esconde) e indireto é o que ele tem de enganar. (risos) Verbo transitivo! Ninguém sabe nem o que é transitivo nem o que é intransitivo. Você tem de ensinar primeiro o que é intransitivo, depois o que é transitivo, tem a ver com trânsito. Fração! Eu achava que fração não prestava porque era ordinária, (risos) por que não me ensinaram que ordinária é porque tem a ver com ordem? Pra mim ordinária é que não presta.

"E eu descobri uma coisa: quanto mais longe da meta, maior é o sonho. Eu era do interior de Minas, a minha meta era o Rio de Janeiro, primeiro. Depois, Nova Iorque".

Corremos todos para os carros e seguimos o homem! Claro, sem deixar de agradecer ao hotel pela gentileza de ceder a sala. Chegamos ao Faustino Restaurante, na Beira-Mar, e ficamos observando o almoço de Ziraldo com Raymundo Netto e Mino.

E sujeito da oração? Eu achava que era o canalha que reza. Sujeito é um qualquer, né? "Você é um sujeito da oração!" (risos) Vive na Igreja o canalha.

Maíra – Ziraldo, é porque a nossa geração viveu muito esse ideário do Menino Maluquinho (*Livro de Ziraldo publicado em 1980.*), nosso ideal de felicidade era essa liberdade, era tá subindo em árvore, era tá caindo, era jogar futebol. Depois, quando a gente vê essa releitura do Menino Maluquinho, através da Menina Maluquinha, a Julieta (*Uma Menina Chamada Julieta. Livro de Ziraldo, publicado em 2009.*), que retrata a nova infância, dos jogos e da internet, eu tenho a sensação de que se perdeu muito do ser criança...

Ziraldo (interrompendo) – Você acha que a Julieta tá com isso?

Maíra – Não, nela eu vi que ela ainda tem um pouco do...

Ziraldo – Pois é... Eu não quero mexer no Menino Maluquinho, que é um livro datado. É datado, mas tá provado que ainda é o livro meu que mais vende. Vão passar Romeu e Julieta (*do escritor inglês William Shakespeare, escrito entre 1591 e 1595*)? É datado, mas você vai lá ler, porque fala da condição humana. Então, é uma conversa sobre a condição humana no menino. Aí vem essa negócio de história em quadrinhos, que eu faço, que não é coisa de autor, história em quadrinho é cultura de massa, eu faço com uma equipe, tem roteirista, que aproveita o cerne dos personagens que eu criei pra história em quadrinhos.

Agora, como eu nunca fiz livro pra menina, todos os meus personagens são meninos, eu lancei uma série chamada Menino da Lua, com um menino de cada planeta. Essa idéia foi um jeito que eu descobri de enganar a morte, porque são nove planetas, mais a lua, dez planetas, eu vou fazer um por ano, então eu só posso morrer daqui a dez anos. Eu já fiz o Menino da Lua (*Livro de Ziraldo publicado em 2007.*), o de Urano (*O Namorado da Fada ou o Menino do Planeta Urano, publicado em 2008.*) e... esses três meninos. Ah, eu fiz a Menina das Estrelas (*publicado em 2007.*), porque eu fui lançar o Menino lá em Vitória, no Espírito Santo, e veio uma menina e perguntou assim: "Por que nos seus planetas só tem menino, não tem menina?" (*imita o jeito da menina*) Eu falei: "Como é que eu vou responder? Não tem nada a ver, é porque eu conheço mais de menino que de menina" Ela falou: "Não, não precisa responder não, é porque os meninos são dos planetas, mas as meninas são das estrelas". (risos) Eu falei: "Isso dá samba".

Fiz o livro *A Menina das Estrelas*, que foi na verdade uma especulação minha sobre a condição feminina na menina. Porque a mulher é uma instituição, quer dizer, é diferente do homem como instituição, como é que é uma mulher? Todo mundo fala do eterno feminino, mas você só trata disso na mulher. Toda literatura em torno do eterno feminino, das manias de mulher, jeito de mulher, é na mulher que tem, nas novelas, é tudo estereótipo. Agora, ninguém tinha feito o que é o ser feminino quando ele é pequenininho. Aí eu fiz *A Menina das Estrelas*. Não sei se vocês leram. Alguém leu *A Menina das Estrelas*? Oh, que pena... E como *A Menina das Estrelas* ficou muito... Um estudo em profundidade, porque eu fiquei muito entusiasmado, eu achei melhor reduzir a proposta da *Menina das Estrelas* na *Menina* chamada *Julieta*, que equivale ao *Menino Maluquinho* menina, trinta anos depois.

Não muda muito não, você continua sofrendo pelas mesmas razões que o menino Jesus Cristo sofreu, entendeu? O filho do Átila (*Átila foi um dos líderes guerreiros mais violentos e temidos da antiguidade. Viveu no século V e liderou a tribo bárbara dos hunos.*) sofreu: "Papai não voltou da batalha" (*risos*). O ser humano não mudou nada na sua essência, a essência humana é a mesma, tanto que o Freud (*Sigmund Freud. 1856-1939. Médico neurologista inglês, fundador da Psicanálise*) quando foi falar das nossas doenças psíquicas usou estereótipos gregos, coisa de dois mil anos atrás.

O Caim matou o Abel (*Personagens bíblicos, irmãos, filhos de Adão e Eva.*), tinha inveja do irmão, quer dizer, inveja do irmão todo mundo tem, tem ou não, mas é um sentimento latente, o *Menino Maluquinho* tem essa qualidade. Menino nenhum hoje solta pipa, solta papagaio, nem faz balão com o avô, fica tudo no videogame lá. Mas ninguém me pergunta: "Não tem nesse jogo?"

Quando eu fui fazer a *Menina Julieta*, eu botei ela no computador porque eu estou vendo meus netos. São meus netos que me conectam com o mundo virtual, eles é que sabem tudo.

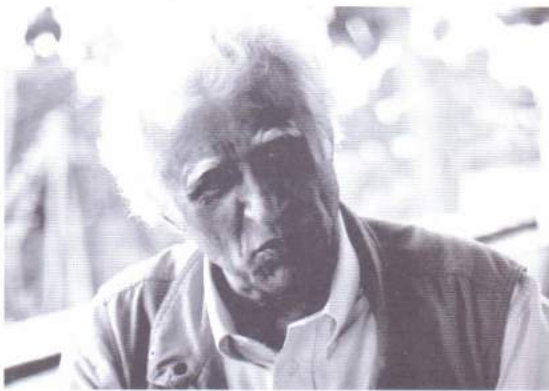
Iana – Quando eu tinha oito anos, eu ganhei esse livro aqui (*Noções das Coisas. Livro de Darcy Ribeiro com ilustrações de Ziraldo, publicado em 1995.*) das minhas professoras, de todas as professoras do colégio. O livro não foi escrito por você, mas foi desenhado, e eu queria saber sobre esse diálogo entre o senhor e o Darcy Ribeiro (1922-1997. *Antropólogo, escritor e político brasileiro*).

Ziraldo – É, o Darcy Ribeiro é o autor do *Maíra* (*livro de 1976 que Ziraldo tinha comentado quando a Maíra se apresentou*), me deu um branco.

Iana – Eu queria perguntar sobre essa história de falar para crianças.

Ziraldo – Esse é o único livro honesto pra adolescente que existe na literatura brasileira. Não existe livro pra adolescente, a não ser pra debochar, esse não debocha, né? Debocha no bom sentido, né? Nós não temos uma palavra boa pra deboche na língua, porque deboche, você pensa que debochado é um cara, pra usar um adjetivo mesmo, é um escroto, o debochado. É horrível essa outra palavra! Mas você tem um ironista, que faz ironia, e o que faz ironia com maldade, que é o debochado. Não tem a palavra intermediária pra poder você dizer. O Darcy era um debochado, era um ironista. Ele começa já gozando Rui Barbosa (1849-1923. *Jurista, político, diplomata e escritor brasileiro*), o maior coco da Bahia, essa coisa ridícula.

Foi a última coisa que o Darcy fez. A última semana do Darcy foi eu mostrando essas ilustrações (*do livro*) pra ele. Morreu uma semana depois. É muito engraçado: esse é um livro pra adolescente. A indústria do livro no Brasil inventou, como a escola tinha de adotar, pela Lei de Diretrizes e Bases (*lei brasileira que rege a educação no país.*), acho que dos anos sessenta, exigiu leitura como matéria curricular, começaram um negócio, as professoras não sabem o que adotar, começaram a adotar *O Cortiço* (*Livro de Aluísio Azevedo, publicado em 1890*), *O Guarani* (*Livro de José de Alencar, publicado em 1857*). Alguma professora depois de adotar o livro chamado *Meu Pé de Laranja Lima* (*Livro de José Mauro de Vasconcellos, publicado em 1968*), as crianças que nunca tinham lido nada, leram um livro delicioso, comovente, vendeu um milhão e meio de exemplares. Todo mundo adotou o *Meu Pé de Laranja Lima*, ele vendeu *Rosinha, Minha Canoa* (*Livro de José Mauro de Vasconcellos, publicado em 1962*), vendeu todos



Como o restaurante também é um espaço cultural, muita gente foi dar uma olhada nos livros expostos. O Yuri aproveitou para fazer algumas imagens da gente enquanto a ansiedade tomava conta de todos.

Iana e Analice escolheram a melhor mesa para que as fotos ficassem legais. A vista era linda! Enquanto isso, a turma viveu um momento Flirts, esperando, ansiosa, pela entrevista. E pelo fim do almoço de Ziraldo!

A entrevista começou um pouco depois das três da tarde e Ziraldo tinha de estar de volta ao hotel às cinco, pois precisava cumprir outros compromissos com a Bienal do Livro. Resolvemos aproveitar ao máximo o tempo dele.

os livrinhos dele que não são tão bons e, como o livro fez muito sucesso, a crítica deu de pau: "Best Seller" (em tom exagerado de deboche), mas as crianças estavam lendo uma coisa que tinha a ver com a vida deles. Não estavam lendo *O Cortiço*, do Aluísio (de Azevedo).

Então, o que é que fizeram? Começaram a fazer policiais para adolescente ler, entrou o Pedro Bandeira (escritor brasileiro, natural de Santos-SP, de livros infanto-juvenis). Pelo menos aí, foi uma jogada. Mas adolescente que gosta de ler vai ler é Júlio Verne (1828-1905, escritor francês de livros como *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*), já vai ler Karl May (1842-1921, escritor alemão de livros sobre viagens ao Oriente e à América). Quem não gosta de ler, não adianta ser dado pra ele. Você não tem de fazer livro pra adolescente, você tem de fazer livro pra criança. Ensinar a criança a ler e gostar ler. Quando chegar na adolescência, ela escolhe o que vai ler, entendeu? Você não precisa ficar fazendo livro policial pra ele. Então, o Darcy... Eu fiquei muito feliz quando fiz esse livro com ele.

Rainer – Por que você escreve tanto para criança, qual o seu objetivo?

Ziraldo – Aí, eu virei autor pra criança. Porque autor infantil parece um cara retardado: "Ele é um autor infantil" (risos) O negócio é o seguinte: eu saí da minha terra pra ser desenhista de história em quadrinho, levei todos os meus esboços embaixo do braço, porque nunca me passou pela cabeça ser pintor, porque todo desenho que eu fiz, sempre, era pra narrar alguma coisa, porque eu usava o desenho pra contar uma história. Daí, pra poder passar pro cartum, pra charge... O cartum é uma história em quadrinho com um quadrinho só, mas o cartum tem um...

O Millôr (Fernandes. Desenhista, humorista, escritor e dramaturgo carioca.) fazia

"O que mexeu com a minha cabeça foi história em quadrinho. Quando eu descobri história em quadrinho adivinhei o meu futuro"

Ziraldo ficou impressionado com a Revista Entrevista. Ele estava surpreso pelo tamanho da entrevista que Mino concedeu à equipe da edição 18. Ziraldo brincou: "Só faltou ele falar a cor da cueca que estava usando".

uma coisa no *Pif Paf* (publicação de Millôr Fernandes, com apenas oito edições publicadas em 1964) que era explicando um cartum. Dava pra escrever um livro, qualquer cartum tem um monte de informação que dá pra escrever um livro. Eu sempre fiz a coisa narrativa. Eu não consegui conceber história em quadrinho quando eu cheguei. Eu cheguei em 1949 no Rio e só fui publicar história em quadrinho onze anos depois. Foi em 1960 que eu publiquei o *Pererê* (A Turma do Pererê. História em quadrinhos de Ziraldo, publicada pela primeira vez em 1960), a primeira história em quadrinho brasileira de um autor só, uma revista dedicada a um personagem, um elenco de personagens brasileiros, usando a técnica dos americanos (que) faziam história em quadrinho. A primeira história em quadrinho profissional no Brasil. Eu sempre fui narrador.

Depois, fui pro cartum, depois fui fazer charge política, tudo é narração, né? De 1980, 1979, a revolução estava se extinguindo e o *Pasquim* (Jornal brasileiro, publicado no final da década de 1960, que usava o humor como forma de encarar o período da ditadura militar. Entre os fundadores estão Jaguar, Sérgio Cabral, Millôr Fernandes, dentre outros) entrou nessa batalha da anistia. Nós fomos o órgão de imprensa brasileiro que mais batalhou pela anistia.

Eu fiz um concurso de cartazes pra anistia no *Pasquim* que deu o maior prêmio jamais pago a um artista do Brasil: um quadro da Djanira (Motta e Silva, 1914-1979, pintora paulista) que deve valer hoje uns trezentos mil dólares. O menino ganhou esse quadro, o personagem dele, o quadro dele, há um tempo atrás... Mas cada pintor brasileiro doou um quadro pra o premiado desse cartaz da anistia. O *Pasquim* não dava pra eu sobreviver, pagar aluguel, educação das crianças, o arroz com feijão, então, eu fui desenhar capa de caderno pra *Melhoramentos* (editora de livros brasileira, à qual pertencem as publicações de Ziraldo).

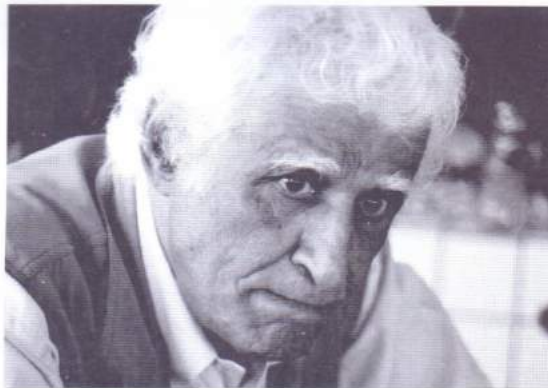
Aquele passarinho preto da *Melhoramentos* em cima da cruzinha era um marco na minha vida, era a marca dos meus livros infantis. Eu tinha aquela coisa como uma coisa mágica. Eu fui na *Melhoramentos* e descobri que ela estava fazendo cadernos, mas ela também... – "você fazem livro pra criança, né?" – "Fazemos!" Eu falei: "Eu tenho um livro infantil, você quer editar?" Aí o cara: "Pá, então traz, edito" Mas eu tinha um livro que era o *Flicts* (publicado em 1969), eu tinha feito o *Flicts* há dez anos atrás, perguntei: "Você quer reeditar o *Flicts*?" – "Reeditamos o *Flicts*". Eu passei o *Flicts* pra eles, reduziram o número de páginas, pra

fazer um livro viável, e eu comecei, “vou fazer livro pra criança porque o *Pasquim* vai perder o sentido”.

Um dia eu fui na Ilha do Governador (*localiza-se na baía de Guanabara e compreende 16 bairros da cidade do Rio de Janeiro.*) falar pra pais e mestres. Pais e mestres é professora e mãe, né? (*risos*) Começamos a falar sobre tudo, porque naquela época a turma do *Pasquim* dava muita palestra sobre o que estava acontecendo no Brasil. E tinha muita professora e muita mãe na platéia e eu comecei a dar palpite... me chamaram de “o aspíte”, que é o assessor de palpite, eu sou palpiteiro. Comecei a dar palpite sobre como criar filho. Eu tinha uma tese que era o seguinte: você não tem de preparar seu filho pro futuro, você vai angustiar ele, o futuro é inexorável, você tem de preparar ele é pro presente. Se ele for feliz aqui, ele vai ser um bom sujeito quando for adulto. Não adianta sacrificar ele agora pra ele aprender como exemplo (*irônico*) pra quando ele crescer. Quando ele crescer vai virar ladrão, porque você não deu tudo o que ele queria, porra! Né? Ou vai virar veado, entendeu? Todo filho de rico que o pai dava dez reais por mês pra ele poder aprender a dar valor ao dinheiro virou veado. Bota num internato, rico, os pobrezinhos vão lá e comem o rico, porque não tem de fazer menino sofrer, não precisa fazer menino sofrer.

Você olha pro Collor (*Fernando Collor de Melo, ex-presidente do Brasil, de 1990 a 1992*), lembram do Collor? Vocês acham que ele foi uma criança feliz com aquela cara? (*risos*) Não foi! Brincava de minha três-quartos, todo de gravatinha, com o pai de conversa com ele, cheio de obrigações, nunca saiu por aí matando passarinho, em quintal, né? Andando de skate... Virou esse cara, o Collor. Então, eu estava falando isso na palestra, a moça disse: “Por que você não escreve um livro sobre isso?” “Porque eu não sou psicólogo, isso é palpite! Eu acho que é assim, mas pode não ser assim.”

Os grandes vencedores da história sofreram muito na infância, foram miseráveis. Igual o José Serra (*Ex-governador do estado de São Paulo, à época desta entrevista pré-candidato à Presidência da República, pelo Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB*) agora dizendo: “Meu pai carregava caixote na feira” Vai à merda! Que história é essa que seu pai carregava caixote na feira? Qualquer pessoa do mundo começa de qualquer maneira. O sujeito tem de nascer em algum lugar, o pai tem de... Essa tese minha pode não ser boa, porque deu Serra, mas o Serra... Você olha pro Serra, você acha que o Serra é feliz? (*risos*) Você



olha pra ele e diz assim: “Alguma mulher já morreu de amor pelo Serra?” (*risos*) Já? Um homem por quem uma mulher não morreu de amor por ele, passa pela vida e não sabe o que é viver.

Iana – E quando a gente olha pra Dilma (*Dilma Vana Rousseff, à época desta entrevista pré-candidata à Presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores - PT*)?

Ziraldo – Pior ainda! (*risos*) Pior ainda! Com aquela cara de Chuck (*Personagem de terror do cinema americano. Boneco que ganha vida e se torna um assassino em série*), aquele boneco assassino. (*risos*) Ela é igualzinha ao Chuck, o pior é que eu sou lulista, não sei o que eu vou fazer da minha vida! Ela é assim, oh... (*pega um papel e desenha*) É o Chuck! Não foi uma criança feliz, não foi uma criança feliz. “Eu não fujo da luta?” A gente foge da luta, sim!!! (*enfático, batendo na mesa*) A gente tem de ser fraco, tem de chorar, dizer “não agüento essa vida”. Quem não foge à luta é um chato. E o pior é que se vangloria disso. É pior ainda, é mais chato ainda, o que não foge à luta e se vangloria de não ter fugido à luta, ora mais! Como disse o Fernando Pessoa (*1888-1935. Poeta e escritor português*): todos os meus amigos são bons em tudo. É impressionante! Eu não sou bom em nada, eu só tenho dúvidas, eu só tenho vontade de ser feliz (*alusão ao Poema em Linha Reta, do heterônimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos*).

Agora, nós estamos ruim de candidato, hein, porque as duas melhores pessoas que estão lá pra ser candidato não têm como formar governo, que é a Marina (*Marina Silva, à época desta entrevista pré-candidata à presidência da República, pelo Partido Verde - PV*) e o Plínio de Arruda Sampaio (*À época desta entrevista, pré-candidato à presidência da República pelo Partido Socialismo e Liberdade - PSOL*).

Iana – E Marina foi uma criança feliz?

Ziraldo – Mas ela foi uma criança livre que escolheu... Ela não tinha referencial de felicidade. Ela falou do cuidado que o

Antes da entrevista, todos nos apresentamos e Ziraldo disse a origem do nome de cada um. Quando o nome era diferente, ele dizia que adora os nomes inventados, como o da Iana.

Ziraldo é filho de Zizinha, costureira, e Geraldo, guarda-livros. É irmão de Ziralzi, Zélio, M^ª Elisa, M^ª Helena, M^ª Elizabete, Geraldo e Dinair, irmã de criação. Foi casado com Vilma Gontijo. Viúvo, casou novamente com a prima Márcia Martins.

Zivaldo é pai de Antonio, músico e compositor de trilhas sonoras de filmes, Daniela, cenógrafa e cineasta, e de Fabrícia, publicitária e diretora de comerciais de TV e séries.



pai dela tinha com ela, mas ela não sabia que tinha televisão, que tinha as coisas pelas quais nós dávamos valor. Quer dizer, se você não tem referencial, você pode ser feliz na selva. Tem muita gente feliz na favela. Tem muito menino feliz na favela.

Roberta – Tem muito Menino Maluquinho na favela.

Zivaldo – Muito, Nossa Senhora do Céu!

Maíra – Que ainda solta pipa!

Zivaldo – Entendeu? Então, deixa eu voltar à história. Eu fui pra casa e disse: “Eu preciso fazer um livro”. Ao invés de fazer um tratado sobre como criar filho, eu queria fazer um livro pra criança. Essas coisas acontecem. Eu estava pensando... Era uma vez um menino maluquinho... Maluquinho porque o sufixo inho, no Brasil principalmente, não tem a ver com o tamanho, porque ão é grande e inho é pequeno, mas inho tem muito mais a ver com ternura do que com tamanho: meu irmãozinho, meu queridinho... Maluquinho é o maluco beleza!

Pra criar, eu criei muita história no Perequê, você tem de começar pelo fim. Você tem de pensar o final. Inclusive que é a técnica do soneto. Se você quiser fazer um soneto com chave de ouro, você tem de pensar primeiro na chave de ouro, no último verso. “Ah, já sei o que eu vou falar do Maluquinho: ele virou um cara feliz”. Fiz o livro e levei lá pra Melhoramentos: “Toma esse livro aqui”. Isso foi em julho, junho. Agosto tinha a Bienal do Livro, quando os caras leram o livro... Eu levei todo coladinho assim, já, hoje eu faço tudo em casa, eu dou pronto pra rodar, mas eu levei todo colado (*explica com um livro do Menino Maluquinho que tava em cima da mesa*), os caras pegaram, leram o livro, foi uma... Igual aconteceu com Flicts. Flicts também. Os dois primeiros livros que eu levei pra editora foram dois dias de glória pra mim. – “Pelo amor de Deus, a Bienal é em agosto, dá pra você entregar os originais em dez dias?” Eu falei: “Dá”. Fiquei dez dias trabalhando o texto, porque o texto nunca fica bom. É mais fácil desenhar do que escrever, muito mais fácil. Escrever

Ainda enquanto nos apresentávamos, Zivaldo falou de sua viagem à Turquia. Quando soube que tinha sido o mais votado da turma para esta edição da revista, disse que ia se candidatar a alguma coisa.

é muito difícil, muito difícil, porque o texto sempre pode ficar melhor.

Rainer – Zivaldo, e pra ti, o que é mais expressivo, é desenhar ou escrever?

Zivaldo – Pera aí! Eu vou chegar lá, eu vou chegar lá. Esse Menino Maluquinho vendeu. Quando chegou na Bienal, ele vendeu 100 mil exemplares, de agosto até dezembro. O Siciliano (*Oswaldo Siciliano, diretor da rede de livrarias Siciliano*), que era o maior distribuidor da Melhoramentos: “Encomenda outro livro pra ele imediatamente, esse cara vende até pipoca!” Estava vendendo Flicts também, Flicts começou a ir atrás do *Menino Maluquinho*. O pessoal tinha esquecido do Flicts, que eu tinha feito dez anos atrás, também quando eu levei pro editor, foi aquela... Ahhh... Todo mundo correndo na redação, querendo me ver... Ahhh... – “eu quero o melhor papel, eu quero o melhor papel!” Então, eu fiz *A Bela Borboleta* pro Siciliano, ele mandou imprimir 50 mil exemplares. Demorei cinco anos pra vender os 50 mil exemplares. Eu tive de rodar o Brasil inteiro dando autógrafo. Acho que eu vim até aqui em Fortaleza dar autógrafo. Mas saiu bem. A partir daí, isso foi em 1980, nesses trinta anos eu já fiz mais de 130 livros, 140 livros.

Mas literatura mesmo é metade disso, o resto é livrinho, pra aproveitar o sucesso do autor. Mas, de literatura, eu fiz uns sessenta. Não que eu fiz com intenção, é que eu faço sozinho. Porque só de gibizinho da *Menina Maluquina*, esse negócio... A história do Flamengo (*O Mais Querido do Brasil em Quadrinhos. Livro de Zivaldo sobre a história do clube de futebol Flamengo, lançado em 2009*), vai sair agora a história do... saiu a história do Vasco (*Vascão, o Gigante da Colina. Livro de Zivaldo sobre a história do clube de futebol Vasco da Gama, publicado em 2010*), a história do Santos (*livro ainda*

“A gente tem de parar tudo no Brasil e ensinar a ler, a escrever e a contar, porque a gente só passa vergonha lá fora (...) o Brasil fica em último lugar”

não publicado). Tudo isso eu faço com a minha equipe, eu produzo feito uma usina.

Beatriz – Ziraldo, você falou que um elemento da vocação profissional é a história da obsessão, né? Então, como era o Ziraldo obsessivo, durante os anos e anos que você passou no Rio de Janeiro, antes de publicar a primeira história em quadrinhos?

Ziraldo – Olha, eu fiquei dez anos... Logo que eu cheguei no Rio, eu vi que não tinha como viver de história em quadrinho, fui trabalhar em agência de publicidade. Fui trabalhar na *MacCann Erickson* (agência de publicidade norte-americana), agência da *Standard Oil* (maior empresa norte-americana do setor petrolífero) e da *Coca Cola* (maior empresa do mundo no ramo de bebidas não-alcoólicas.), foi um aprendizado fantástico, fiquei um craque! Quando eu ia na redação com os meus desenhos que fazia na agência e mostrava os caras ficavam bestas, porque tinha um acabamento que o pessoal de jornal... Pessoal de jornal desenha num papel (pega qualquer papel da mesa). Meu desenho era desenho de agência, com acabamento de agência. Comecei a publicar meus cartuns no *Cruzeiro* (A revista *O Cruzeiro*, dos *Diários Associados*, foi publicada pela primeira vez em 1928. É considerada a principal revista brasileira do século XX), depois comecei a fazer charge política no *Jornal do Brasil* (*Jornal brasileiro lançado em 1891*). Esqueci negócio de história em quadrinho.

Quando foi em 1960, nós tínhamos um editor, gerente geral do *Cruzeiro*, que ele era uma figura muito interessante, ele adorava conversar, ele era diretor financeiro, mas ele adorava entrar na redação, dar palpite, dar as idéias dele. Eu morava na zona sul e trabalhava no *Cruzeiro* como relações públicas, e fazia meus desenhinhos na *Cigarra* (*Popular revista do início do século XX, foi lançada em 1914*) e tal e no *Jornal do Brasil*. Eu vinha com ele de carro pra zona sul, ele me deixava em casa, sempre tinha quatro, cinco, lugares no carro, porque ele sempre trazia alguém, e eu tinha essa oportunidade de vir com ele.

E eu comecei a publicar o *Saci-Pererê*, cartum do *Saci-Pererê* (*Personagem mais famoso do folclore brasileiro*) no *Cruzeiro*. O Manoel Lopes tinha essa conversa. Manoel Lopes de Souza. Ele tinha a mania de dizer: "Olha aqui: esse século vai acabar socialista, esses capitalistas, meus amigos, não tão entendendo nada. A gente tem de se preparar para o futuro. Eu já estou aprendendo russo e vou aprender chinês, vou aprender chinês. Esse século vai acabar socialista" (*batendo na mesa*).



Um dia ele chegou: "Sabe um negócio? Eu tenho vontade de publicar essas revistas da *Luluzinha* (*Little Lulu. Personagem dos quadrinhos criada em 1935*), *Bolinha* (*Personagem masculino que fazia parte da turma da Luluzinha*)". Todas as revistas "não Disney" (*The Walt Disney Company, fundada em 1923. É a maior empresa de animações infantis do mundo*) o *Cruzeiro* publicava. Ele disse: "Olha, isso vai acabar! Assim que a república sindicalista do Jango (*João Goulart. Ex-ministro do Trabalho do Brasil, no Governo de Getúlio Vargas e Ex-presidente, de 1961 a 1964*) se apossar do País nós vamos ter de nacionalizar as histórias em quadrinho. Mas aqui eu vou fazer revista brasileira. Olha, o seu *Saci-Pererê* dá uma história em quadrinho, faça uma revista". Pediu pro Péricles (*Péricles Maranhão, 1924-1961. Cartunista pernambucano*) fazer outra: "Faça uma revista, Péricles. Faça uma revista, Carlos Estevão". Ele falou isso na sexta-feira dentro do carro e mandou eu comunicar ao Péricles e ao Carlos Estevão (*1921-1972, caricaturista pernambucano*) que queria a revista.

Na segunda-feira chegou a minha revista pronta. Primeira pronta, porque sou obsessivo. Trabalhei pra caramba. "Ah, não vou perder essa chance". O Péricles não conseguiu fazer a primeira, nem a primeira. Ele morreu antes, suicidou-se, fazia o *Amigo da Onça* (*personagem de fama publicado na revista O Cruzeiro na década de 1940*). E o Carlos Estevão fez cinco números e desistiu. Eu fiz durante cinco anos o *Pererê*. Vendia igual a *Luluzinha* e *Bolinha*, que vendia mais que *Tio Patinhas* (*Uncle Scroog. Personagem de quadrinhos criado em 1947*), mais que *Pato Donald* (*Donald Duck. Personagem de quadrinhos criado em 1934*), mais que tudo.

Quando foi em janeiro de 1964 eu saí da revista *O Cruzeiro*. Eu fazia a revista de graça. Eu fazia pelo salário que eu tinha no *Cruzeiro*. Mas deu uma confusão... Eu saí do *Cruzeiro*, então ele tinha de me pagar pra eu fazer o *Pererê* e eu fui lá falar com ele que ele tinha de pagar pra eu fazer e ele: "Mas

Logo no começo da entrevista, Ziraldo falou sobre o seu primeiro desenho publicado e pegou o caderno de anotações da Roberta para fazer o desenho. Ele aproveitou para desenhar várias outras coisas, inclusive a caricatura de Dilma Rousseff.

Durante a entrevista, quando estava falando dos cinco sentidos, Ziraldo fez vários carinhos na Roberta e quase rolou um beijo, para falar sobre o paladar! O que serviu para a turma toda tirar onda depois...

Em alguns momentos da entrevista, o cartunista Mino se aproximava da mesa em que estávamos e participava da conversa, incentivando bastante a publicação de uma nova revista de Ziraldo.

a empresa não tem o menor interesse em continuar com a sua revista". É que ele já estava conspirando. Ele não era comunista, ele era da situação, ele sabia que o golpe vinha aí. Eu fazia três meses adiantado. Isso foi em janeiro, eu tinha feito a de fevereiro, a de março e a de abril. Em abril de 1964, o Pererê morreu junto com a revolução, junto com o golpe militar. E eu fiquei pendurado na broxa. Mas eu consegui fazer uma revista que tá no inconsciente coletivo aí, todo mundo dá notícia dela e tal. De vez em quando republicam algumas coisas, álbum. As histórias ficaram para sempre.

Evelyn – Ziraldo, com essa revista da *Turma do Pererê* você ficou com uma fama de nacionalista. Você se considera nacionalista?

Ziraldo – Não... Essas coisas de enquadrar a gente como nacionalista, não... Eu sou... Eu trabalho com uma visão da realidade que eu tenho. Por exemplo, eu entendo a jogada do Lula (*Luís Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil*) de ficar com o Ahmadijad (*Mahmoud Ahmadijad, Presidente do Irã*). Eu entendo porquê! A direita não entende porque não quer. Porque é o seguinte: (*imitando o presidente Lula*) quando na história deste país (*risos*), o Brasil foi ouvido pelas grandes nações? Aguardaram a opinião do Brasil. Você já viu? O Barack Obama (*Presidente dos Estados Unidos da América*) foi lá convencer o Lula a não apoiar o Irã, parar com essa coisa de querer diálogo. Por que ele quer diálogo? Porque ele... Se você deixar, o BRIC (*Reunião dos países emergentes mais bem sucedidos*), o Brasil, a Rússia, a Índia e a China. O Brasil é o quarto desses três aqui. Ou você se afirma, ou você dança. Entendeu? Então, é o seguinte... Os Estados Unidos estão esperando, entraram na Organização Mundial do

Comércio aguardando a retaliação do Brasil por causa do algodão. Quando é que foi que os Estados Unidos aguardaram a nossa... Mandaram a gente à merda! E a gente ia voando! Fernando Henrique Cardoso (*Ex-presidente do Brasil, de 1995 a 2002*), mandavam ele cair de quatro e ele caía dormindo. (*risos*) Então, eu não sou nacionalista.

Iana – Ziraldo, talvez outra marca tua, além da literatura infantil seja isso, o engajamento político, posturas muito firmes, muito fortes. Como é que se deu esse Ziraldo jovem, ainda na década de 1960, ainda publicitário, autor de literatura infantil... o regime chegando... Como é que começou esse envolvimento com a política?

Ziraldo – Isso é interessante. Eu venho da ditadura do Getúlio (*Vargas, 1937-1945*). Eu fui ensinado a me ufanar do meu país. "Porque me ufano do meu país". E sofria muito porque a gente... Um dia um professor de Latim, quando a gente entrou pro ginásio, o professor Armando. Ele olhou pra gente e falou: "Oh meus meninos, o seguinte: vocês têm de compreender o país que vocês vivem". Ele falava assim (*imita o modo de falar do professor*): "Isso aqui oh, isso é uma Índia de merda, viu? É uma porcaria. Esse país aqui é uma porcaria. Não tem nada, não tem indústria, não tem... É um país miserável! Rico, solo rico? É um país miserável! A Argentina dá de dez a zero no Brasil. Não tem esse negócio de 'Ah, porque me ufano do meu país'. Vão procurar a realidade, vão entender o que é que tá acontecendo".

Então, eu cheguei pro papai: "Papai, o professor Armando disse que o Brasil é isso e aquilo outro". – "Pelo amor de Deus! Não repete isso em lugar nenhum, o que você ouviu. Em lugar nenhum" O meu avô falou assim pro meu pai: "Mas esse cara é um comunista!" O meu pai falou: "É o senhor que

Após às 16h30min, o Raymundo Netto se aproximou da mesa e fez um gesto de que a entrevista tinha de acabar. Prontamente, o Ronaldo foi lá conversar para que tivéssemos uns minutos a mais com Ziraldo.



tá falando. É o senhor que tá falando que ele é comunista." O meu pai falou: "Olha, não conta pra ninguém na rua essa conversa aqui em casa", porque era Ditadura Vargas. "Não conta!" Depois, eu vi o seu Armando entrar pra o Rotary (*organização de líderes de negócios e profissionais, que prestam serviços humanitários*). Eu disse: "Seu Armando, o senhor tá no Rotary Club?" Ele disse: "Eu não vivo no Rio de Janeiro não, eu vivo em Caratinga". (*risos*) – "Tem que fazer parte da sociedade aqui. Eu ensinei pra vocês as mentiras".

Desde menino, eu tinha uma certa consciência da realidade brasileira. Mas eu queria ir pros Estados Unidos, como o Henfil (*Henrique de Sousa Filho, 1944-1988, cartunista mineiro*), queria publicar minhas histórias em quadrinhos e tal. Toda a minha influência, influência assim mais poderosa, era através das revistas americanas que eu recebia, do cinema americano, história em quadrinho, o modo de viver americano. Tudo aquilo me encantava. Mas eu sabia que não era por aí. E, quando eu cheguei no Rio de Janeiro, eu comecei a conviver com gente de esquerda. Quando veio o golpe militar eu percebi qual era o meu lado. Eu fui pra o chamado engajamento, né? Fizemos o *Pasquim* e a minha turma passou a ser massa de manobra, quer dizer, a *Passeata dos Cem Mil (Acontecida em 26 de junho de 1968, é considerada a principal manifestação popular de resistência à ditadura militar)*, por exemplo, a gente estava na organização dela, toda essa parte de esconder os nossos guerrilheiros, toda essa coisa... E comecei a ser preso... Fui preso três vezes. Quando fechou o *Pasquim* eu fiquei... Já tinha feito o *Flicts*, fiz o *Menino Maluquinho*, a minha vida mudou completamente.

Outro dia eu fiz um livro sobre os meus cartazes (*Ziraldo em Cartaz. Livro de Ziraldo e Ricardo Leite, publicado em 2009*). Eu sou o cara que mais fez cartazes no Brasil até hoje. Tem nenhum artista que tenha feito mil cartazes profissionais. Tem quatrocentos nesse livro. A imprensa do Rio diz: "O livro mostra um lado surpreendente do Ziraldo. O autor infantil Ziraldo". É que os repórteres são da idade de vocês, acham que eu sou autor infantil, não sabem nada (*risos*).

Roberta – Escuta Ziraldo, uma coisa que inquietou a gente é justamente isso que você estava falando. Falam muito dos seus trabalhos como autor infantil, escritor, e falam muito do tempo do *Pasquim*, não falam muito do seu trabalho como cartazista, cartunista...

Ziraldo (interrompendo) – Que é o que eu sou! Primordialmente!

Roberta – E a gente viu que você tem uma gama de prêmios no exterior, é super reconhecido internacionalmente, e o que é que isso traz pra ti, não ser tão reconhecido no Brasil por isso que você faz e ser no exterior?

Rainer – Qual a diferença desse reconhecimento nacional e internacional da sua carreira?

Ziraldo – O negócio é o seguinte: internacionalmente, por exemplo, o *Menino Maluquinho*, o *Flicts*, foram publicados em todos os países da América Latina, todos. O *Flicts* saiu agora em Japonês, em Coreano, o *Flicts* e o *Menino Maluquinho*. O *Flicts* já saiu em Dinamarquês, Inglês, Italiano, Espanhol. Mas não tem muito significado. Eu sou conhecido fora do Brasil pelo meu pessoal. Pela minha "tchurma". Quando eu chego num congresso internacional todo mundo sabe quem sou eu, essas coisas. Eu também conheço vários escritores que estão lá. Quer dizer, a atividade como escritor infantil foi a que me deu mais notoriedade. Mas eu trabalho com artes gráficas há muito tempo. Já fiz logotipos pra milhões de empresas, fiz muito cartaz, cinema novo...

Yuri – Ziraldo, você é conhecido também por essa inquietude de projetos. Existe alguma coisa que você ainda gostaria de fazer?

Ziraldo – Ih, rapaz! Eu quero ser Ministro da Educação. A única solução para o Brasil é eu... Agora, eu vou fazer que nem o Darcy Ribeiro: a única solução para o Brasil é eu ser imperador. Presidente não, imperador! (*risos*) Dizia o Darcy Ribeiro: "Eu não quero ser presidente não, eu quero ser imperador". Eu não quero nada, eu quero ser Ministro da Educação.

Anamélia – É qual seria a sua primeira medida?

Ziraldo – Mudar o Ensino Fundamental na base. Imediatamente. Preparar as professoras, para fazer do Ensino Fundamental uma festa. Quando eu soltar os meninos, um currículo organizado, eles dominarem tudo em escrita, fazerem as contas como adulto. Você pode pegar uma criança aos seis, sete

"Um homem por quem uma mulher não morreu de amor por ele, passa pela vida e não sabe o que é viver"

Já no final da entrevista, quando o Yuri perguntou se ele ainda tinha algum projeto, ele foi enfático: "Quero ser Ministro da Educação!" Para o espanto de todos, que ficaram boquiabertos!

No final da entrevista, todos os entrevistados quiseram tirar fotos e pegar autógrafos com Ziraldo. Mesmo com pressa para cumprir com sua agenda na Bienal, Ziraldo atendeu aos nossos pedidos de tirar uma foto em frente ao mar.

Enquanto tirávamos as fotos com Ziraldo e ele autografava pacientemente nossos livros, era clara a apreensão de Raymundo Netto, que já devia tê-lo levado de volta para o hotel. Mas até ele saiu nas fotos com a equipe.

“Sou jornalista de profissão. Minha carteira profissional é de jornalista. Agora, eu desenho e faço humor. Então, você diz, Ziraldo: desenhista de humor”

anos e entregá-la com dez, onze, preparada pra universidade. Se a escola quisesse, se a escola fizesse.

Talles – Ziraldo, ainda sobre a questão da publicidade, dos cartazes, qual é a principal diferença que você vê da época que você começou, lá atrás, pra hoje?

Ziraldo – Hoje é o seguinte: se eu chegasse com a minha pasta embaixo do braço eu não ia arranjar emprego em agência. Agência não precisa de desenhista. Agência não tem mais arte-finalista, não tem mais. Você chegava na agência, tinha várias pranchetas. Na *MacCann Erickson* tinha dez, doze, desenhistas trabalhando com guache, trabalhando, fazendo arte final, desenhando anúncio, desenhando à caneta Parker, sabe? Desenhando... No Natal de 1955, 1954, de novembro pra dezembro, eu mais dois, três artistas, desenhamos mil objetos, mais de mil objetos pros anúncios de Natal. Tudo que você tinha: vestidinho de criança, maiô, sapatinho, meias, não sei o quê... tinha de ser com desenho. Tudo, a diferença é essa.

Rainer – Ziraldo, em 2002 a gente teve o retorno do *Pasquim* com o *Pasquim 21* (*Publicação de Ziraldo e seu irmão, Zélio, que tentava trazer de volta o Pasquim para o século XXI*), o que motivou esse tipo de publicação? Teve a *Bundas* (*Publicação de*

Ziraldo e Jaguar, em 1999, que também tinha a proposta de explorar temas do cenário nacional com humor. Durou pouco mais de um ano) também, *A Palavra* (*Publicação de Ziraldo, de 1999, que pretendia divulgar a arte que se faz longe do eixo Rio-São Paulo*)...

Ziraldo (*interrompendo*) – Eu estou pensando em fazer... Minha mulher disse que vai me matar se eu fizer mais uma revista. (*risos*) Eu, até hoje estou pagando dívida da *Bundas*, do *Pasquim 21* e da *Palavra*.

Roberta – E você acha que foi a imprensa brasileira que mudou e não aceita mais esse tipo de...

Ziraldo (*interrompendo*) – Mudou tudo, claro. Mas toda a imprensa do mundo tem uma lista de nomes que também mudou. Por exemplo, a mais antiga revista do mundo, a que durou mais tempo, chamava-se *Punch* (*Revista britânica, que circulou de 1841 a 1992*), que era uma revista inglesa sensacional, que é a nossa bíblia, minha e do Mino (*Hermínio Castelo Branco, cartunista cearense que acompanhava Ziraldo no almoço*). Os australianos compraram a editora do *Punch*, e a vingança da Austrália: fecharam o *Punch*.

Então, você tinha uma revista chamada *New Yorker* (*Revista norte-americana de humor, publicada desde 1925*), em Nova Iorque, agora eu comprei um álbum dela, de todos os cartuns. Você conhece esse álbum? (*se dirige ao cartunista Mino*) Com todos os cartuns que *New Yorker* publicou desde que existe, dessa altura (*mostra com a mão uma altura de aproximadamente 20 centímetros*). A revista tá fechando. Quer dizer, você não tem mais cartum. Antigamente tinha cartum, toda revista tinha um cartum. *Playboy* (*Publicação surgida nos Estados Unidos em 1953, direcionada para o público masculino*) ainda tem um pouquinho. Tem 146 caras no Brasil capazes de fazer cartum bom pra *Playboy* e a *Playboy* não publica nenhum cartum brasileiro. Vem a *Piauí* (*Revista lançada em outubro de 2006, idealizada pelo documentarista João Moreira Salles*), que é essa revista novaiorquina feita em São Paulo (*risos*). É, só interessa pra quem conhece Nova Iorque, ou pra quem tá interessado na visão americana do mundo, chic. Agora, tem o *Gotlib* (*Marcel Gotlib, escritor e cartunista francês*) que é um desenhista de quinta ordem em Paris e não tem um cartunista brasileiro, não tem o Mino, não tem o Dalcio (*Machado, cartunista paulista*). Não é da minha geração, não. Não tem Laerte (*Coutinho, cartunista paulista*), não tem Angeli (*Arnaldo Angeli Filho, cartunista paulista*). A imprensa mudou demais.

Depois dos autógrafos e das fotos, todo mundo se encaminhou para a barraca G2, e ficamos tomando uma cervejinha até umas horas, com a companhia do nosso querido professor Ronaldinho. Só a Evelyn preferiu tomar água de côco.



O cartum tá morto na imprensa, foi substituído pela tira e a charge política, né?

Mino (*interrompendo*) – Ziraldo, faça a revista, faça. A sua mulher vai compreender.

Ziraldo – Eu vou fazer! Sabe como é que ela chama? *Arara*.

Maíra – Mas por que *Arara*?

Ziraldo – Porque se você escrever *arara* é *ra-ra-ra* (*risos*) O título é assim oh! (*pega um papel e vai escrevendo*) A capa é aqui...
o Mino vai colaborar nela.

Maíra – E qual vai ser a principal temática da revista?

Ziraldo – Humor! Publicar os cartuns do Quino (*Joaquim Salvadaro Lavado, cartunista argentino, criador da personagem Mafalda*), do Mino (*risos*). Do Quino também! O Quino tá resistindo! O cumpadre Quino!

Roberta – Ziraldo, você falou aqui que o que você é realmente é cartunista, é chargista. Se você tivesse de preencher uma ficha... profissão?

Ziraldo – Sou jornalista de profissão. Minha carteira profissional é de jornalista. Agora, eu desenho e faço humor. Então, você diz, Ziraldo: desenhista de humor. Aplico desenho e humor a tudo que eu faço: o cartum, a charge...



Como também era aniversário da nossa colega Domitila, não deixamos passar a oportunidade de cantar parabéns e fazê-la pagar aquele mico básico no meio do bar.

Na sexta-feira após a entrevista, Roberta já estava enviando para a equipe a decupagem com quase todas as referências. A Marina logo se prontificou a preencher as lacunas que haviam permanecido.